

## EDITORIAL

No último dia 11 de setembro, celebrou-se, em todo o mundo, o primeiro aniversário dos atentados terroristas que puseram abaixo, em Nova Iorque, as duas torres do World Trade Center, e, em Washington, parte do edifício do Pentágono. Aquela terça-feira negra, por muitos considerada um dia que ainda não terminou, tem sido, seguramente, o assunto mais em evidência em toda a imprensa mundial no último ano. Boa parte dos acontecimentos recentes é interpretada ora como desdobramento direto do episódio (a Guerra do Afeganistão; o acirramento das lutas entre judeus e palestinos, em Israel; a freqüente violação dos direitos constitucionais nos EUA; e a provável campanha militar dos americanos contra o Iraque), ora como conseqüências a ele relacionadas (a crise das bolsas, nos EUA e no resto do mundo; a aversão ao risco por parte dos investidores externos e as conseqüentes dificuldades de refinanciamento da dívida enfrentadas pelos países em desenvolvimento; a escalada mundial do fenômeno do antiamericanismo, entre outros). Você – como todos os brasileiros – esteve exposto durante todo o ano a um sem-número de interpretações diferentes, às vezes contraditórias, desse mesmo episódio, e deve estar se perguntando, como todos, qual é efetivamente o significado que deve ser feito do 11 de Setembro. A História mudou realmente? O que mudou? Teremos nós condições de avaliar o real significado do atentado, ou qualquer avaliação – a esta altura – seria precipitada e destituída de sentido? As interrogações são inúmeras e acometem principalmente o público leitor dos jornais, ansioso por interpretações que organizem um conjunto esperso e difuso de experiências sobre o episódio, que lhe possam dar alguma segurança. Procura-se, desesperadamente, por uma chave de leitura para o episódio, que permita abrir as portas para seus significados ocultos e que nos permita, não apenas entendê-lo, mas esquecê-lo, como nos esquecemos das feridas que, por mais profundas e dolorosas que tenham sido, acabam cicatrizando. Não podemos suportar a idéia de que o episódio – misto de realidade e ficção – possa constituir uma experiência traumática, irresolvida, que nos assombrará pela vida afora, e que deveremos recalcar a cada vez que olharmos para a ausência que, de forma estranhamente ostensiva, parecemos perceber cada vez mais na paisagem de Nova Iorque.

Imagine agora que você, como membro do conselho editorial de um grande jornal, tenha recebido a incumbência, em plena véspera da efeméride, de produzir o editorial do dia seguinte sobre o assunto. É tarde da noite, e você teve acesso aos editoriais das outras publicações rivais, que saíram no mesmo dia. Você não tem muito tempo, embora tenha a vantagem de saber o que os concorrentes irão dizer. Seu jornal tem se destacado, na mídia impressa, pela posição crítica e pela independência da análise. Principalmente: você sabe que há uma grande expectativa do público a respeito do editorial, porque todos esperam encontrar ali as respostas para as várias interrogações propostas pelo atentado. O que fazer? Que texto produzir? O que dizer? Você tem pouco espaço – os editoriais não são exatamente longos – e talvez tenha mais dúvidas do que os próprios leitores. É verdade que tem também um pouco mais de informações, dada a sua profissão e o envolvimento diuturno com a produção das informações; mas elas parecem não ajudar muito neste caso. Enfim, não se trata de uma tarefa simples, mas será preciso desenvolvê-la: seria impensável um jornal sem um editorial sobre o aniversário do 11 de Setembro. Esta produção será este editorial.

## Folha de S. Paulo 11/09

A pergunta é óbvia, mas isso não a torna menos pertinente: O mundo mudou depois dos atentados de 11 de setembro? A resposta, como não poderia deixar de ser, é ambígua, um misto de sim e não.

Objetivamente, o mundo, em sua essência, permanece o mesmo. As estruturas produtivas não foram alteradas; os grandes movimentos demográficos seguem o seu curso; a esmagadora maioria da humanidade não foi afetada pelos trágicos acontecimentos do 11 de setembro. Ainda assim, o 11/09 é uma data a ser lembrada. Trata-se, afinal, do dia em que cerca de 3.000 inocentes foram covardemente assassinados, e os símbolos do poder econômico e militar dos EUA foram duramente golpeados por um grupo de fanáticos.

E os eventos que se seguiram aos atentados, embora não tenham alterado a natureza do planeta, produziram uma série de consequências. A mais notável delas é que os EUA, liderados por George W. Bush, se consideram agora numa cruzada contra o terrorismo e estão prestes a iniciar uma nova guerra contra o Iraque, ainda que contra a opinião da maioria de seus aliados.

Esse unilateralismo, que já se insinuava no início da gestão Bush, tornou-se a principal marca da política externa norte-americana após o 11/09. Por paradoxal que pareça, os atentados resgataram a administração Bush da mediocridade. O presidente da nação mais poderosa da Terra já assumira o cargo com sua legitimidade posta em dúvida pelo conturbado processo eleitoral de 2000. Seu futuro não se afigurava brilhante, principalmente se se considerar a queda registrada na atividade econômica dos EUA, para a qual os atentados contribuíram, mas nem de longe determinaram.

Nesse sentido, Osama bin Laden não apenas impediu que Bush sucumbisse a seu destino como ainda lhe propiciou elevadíssimos índices de popularidade. O trágico é que, para conservar essas taxas de aprovação, o presidente precisa manter abertos indefinidamente "fronts" externos. É aí que se encaixa o Iraque e sabe-se lá quais outros "Estados terroristas" que compõem a sua lista.

No plano interno, os EUA também se impuseram pesados reveses por causa do 11/09. Os direitos civis assistiram a um retrocesso como nunca antes verificado, e com o aval do Congresso e da maioria da população. Para reforçar a segurança, o Executivo revogou direitos e garantias fundamentais. Autorizou, por exemplo, que suspeitos de terrorismo fossem submetidos a julgamentos secretos em tribunais de exceção. Não são atitudes consonantes com a tradição democrática dos EUA.

Depois do 11 de setembro, a América se tornou mais unilateral, mais isolada e menos democrática. E alguns países se aproveitaram dessa nova situação para tentar resolver antigas pendências. Sob o pretexto de guerra ao terrorismo, velhos conflitos recrudesceram. Foi o que se verificou, por exemplo, entre israelenses e palestinos, indianos e paquistaneses, russos e tchetchenos.

O mundo em seu conjunto sobreviveu relativamente incólume aos atentados de 11 de setembro, mas é forçoso reconhecer que ele se tornou um lugar mais irracional.

## Estado de S. Paulo Os efeitos ominosos do 11 de setembro

O efeito singular de mais amplo alcance do 11 de setembro foi a decisão do governo Bush de fazer da guerra ao terrorismo o princípio norteador das relações dos Estados Unidos com o mundo. É impossível saber aonde isso conduzirá o sistema internacional, mas o panorama é inquietante.

Primeiro, porque se trata de um combate sem desfecho concebível no estrito plano militar. A invasão do Afeganistão derrubou um regime intimamente associado à organização responsável pela ação terrorista que assombrou o planeta há um ano. Essa organização, a Al-Qaeda de Osama bin Laden, não só perdeu as suas principais bases, como não conseguiu cometer nenhum outro atentado desde então - ao contrário do que se temia.

Mas o que se viu na Ásia Central foi apenas a primeira batalha, ainda em curso, por sinal, contra um inimigo que difere essencialmente de seus similares tradicionais, seja pela difusão geográfica, seja pelos recursos de que pode dispor, seja pelas motivações de seus crimes. Na era das facilidades globais, o fanatismo messiânico armado pode ser contido, embora não confinado, muito menos eradicado. É um elemento da realidade em face do qual a palavra "guerra", com tudo o que implica, designa uma resposta inadequada - e ameaçadora para o direito internacional.

Tampouco se pode ser otimista quando, além de colocar a luta antiterror acima de tudo, a superpotência americana adotou a estratégia supremacista de enfrentar o terrorismo e os seus presumíveis aliados quando, como e onde julgar necessário, a seu exclusivo critério, com base na premissa do "ou se está conosco ou se está contra nós". O 11 de setembro carrou para os Estados Unidos a solidariedade do mundo civilizado. "Somos todos americanos", foi, no dia seguinte, a manchete histórica do Le Monde, de Paris, crítico contumaz das políticas de Washington.

Amparados por uma combinação sui generis de autoridade moral e legitimidade política, nascidas dos escombros das torres gêmeas de Nova York, os EUA construíram, para a campanha afegã, uma coalizão internacional sem precedentes. Esse êxito diplomático deu ao presidente George W. Bush uma estatura até então inimaginável. Mas, em janeiro, o próprio Bush desperdiçaria esse patrimônio, com o seu discurso do "eixo do mal", que colocou na mesma categoria absurda o Irã, o Iraque e a Coreia do Norte, equiparando-os retoricamente às potências do Eixo da 2.ª Guerra Mundial, Alemanha, Itália e Japão.

Ficou claro que, na defesa do que considerar como sendo interesse dos Estados Unidos, o presidente agirá, se for o caso, à revelia dos aliados, da opinião pública estrangeira e, o que é sumamente grave, até mesmo do arcabouço de normas, valores e instituições em que se fundamenta a ordem internacional. Passou a aplicar-se explicitamente à guerra ao terror o unilateralismo que, antes do 11 de setembro, já ditava os rumos da política externa da administração republicana - por exemplo, tornando letra morta, para Washington, o Protocolo de Kyoto, sobre o meio ambiente.

Condoleezza Rice, a assessora de Segurança Nacional da Casa Branca - a quem o escritor mexicano Carlos Fuentes se refere como "a Lady Macbeth do gabinete Bush", por suas posições de linha-dura -, diz, freqüentemente, que "o poder conta". Parece um lugar-comum, mas é uma advertência: para o atual governo americano, a incontrastável força militar dos Estados Unidos deve ser o fator determinante das suas decisões - e não a "clareza moral" sempre invocada por Bush para respaldar a sua conduta diante do terrorismo, nem o conjunto de leis e organismos transnacionais da atualidade.

E esse é o argumento de realpolitik por trás da planejada intervenção militar no Iraque - de preferência, mas não necessariamente com o apoio da ONU. O ponto nevrálgico é que os Estados Unidos não querem apenas eliminar a capacidade iraquiana de produzir, empregar ou transferir a terroristas as suas propaladas armas de destruição em massa - um objetivo legitimado pela resolução do Conselho de Segurança que determinou a suspensão das hostilidades contra Bagdá, na Guerra do Golfo, de 1991. A meta é mudar o regime do Iraque, depondo o ditador Saddam Hussein.

Também por isso, mais de um analista insuspeito de antiamericanismo já observou que Bush conseguiu a proeza de unir o mundo contra Washington - algo impensável quando este mesmo mundo se deparou com o terror insano que se abatia sobre a América na cristalina manhã de 11 de setembro de 2001.

## O Globo Tudo por fazer

A tragédia do 11 de setembro, assistida, de maneira inédita, pela televisão, provocou em todo o mundo uma curiosa mistura de sentimentos. Houve quem simplesmente vivesse o lado humanitário da questão — milhares de inocentes mortos da maneira mais brutal. Mas também houve uma surpreendente eclosão de sentimentos antiamericanos — como se viesse à tona um antigo ressentimento represado, do tipo "agora eles estão vendo o que é sofrimento".

A mistura, num certo sentido, continua, e não será clarificada tão cedo. Pois, para além do drama humano, estava o fato político: a única superpotência remanescente atingida num de seus pontos vitais, símbolo do orgulho americano. Do modo como administrarmos estes sentimentos dependerá boa parte do futuro que nos aguarda.

Do lado americano, esta reação ambígua ajudou a reforçar um sentimento de nacionalismo quase fanático — contra o qual advertiram, desde a primeira hora, vozes como a de Susan Sontag. Sendo o presidente americano o que ele é — na melhor das hipóteses, um homem comum, apanhado numa conjuntura absolutamente excepcional — temeu-se pelo pior: a figura caricata de um Tio Sam que saísse pelo mundo disparando o revólver a esmo. Não foi o que aconteceu. Graças a vozes sensatas existentes no eixo do poder — como a do general Colin Powell — passou-se a uma repressão calculada (com os inevitáveis acidentes de percurso) contra os núcleos terroristas que agiam livremente, sobretudo a partir do Afeganistão.

Outra coisa também não aconteceu: frustrou-se o que parecia ser a grande estratégia dos esquadrões de Bin Laden — desencadear uma verdadeira guerra santa contra o Ocidente, a partir de uma reação americana que imaginavam descontrolada e desproporcional. Não veio a guerra santa, e nem mesmo o choque de civilizações previsto por intelectuais sofisticados, como Samuel Huntington. O mundo árabe acompanhou, perplexo, o desenrolar dos acontecimentos. Protestos ferozes aconteceram aqui e ali; mas, de um modo geral, a vida continuou.

Supor que, a partir daí, não há correntes subterrâneas prontas a agitar as águas à menor oportunidade, seria erro fatal. O mundo árabe continua a viver todas as suas contradições. Uma boa parte da sua suposta normalidade vem da quase geral ausência de democracia, tanto em amigos como em inimigos dos EUA.

Uma civilização que já foi grandiosa — a do Islã — continua a aguardar o momento do seu encontro com o mundo moderno. A poderosa estrutura do islamismo ainda cria biombos de que se beneficiam autocratas da mais variada procedência — desde a violência desenfreada de um Saddam Hussein até a refinada corrupção de uma monarquia como a saudita. E neste sentido, o desafio lançado por Bin Laden continua no ar: para que lado vai o mundo árabe?

Sangrando ainda do 11 de setembro, os EUA desenvolvem a sua campanha contra Saddam Hussein, que consideram — não sem motivo — um foco de todas as violências possíveis. Um homem que usou a arma química em seu

próprio território, para eliminar vilas inteiras dos curdos, o que não seria capaz de fazer contra inimigos reais ou imaginários?

Uma terrível lição do 11 de setembro foi a facilidade com que terroristas determinados ainda podem ultrapassar barreiras de segurança que nunca parecem suficientes para certo gênero de loucuras. O desafio do terror nunca foi tão concreto; e, neste sentido, a poderosa coalizão que se armou logo em seguida ao 11 de setembro precisaria ser refeita, reestudada, aperfeiçoada.

O risco daquela primeira nuvem de sentimentos antiamericanos é muito óbvio: significa, ainda que inconscientemente, abaixar a guarda diante do terror; deixar implícito que tudo aquilo foi horrível, mas que os americanos etc. etc.

Evitar esse risco depende, e muito, do próprio governo americano. Porque nunca houve predominância tão grande de um país sobre o resto do mundo. Todas as grandes potências, desde os romanos, deixaram-se contaminar pelo veneno da arrogância. É o preço que se paga pelo poder excessivo.

Um governo e um país mortalmente ofendidos por um ataque alucinado têm tido dificuldade para acertar a sua relação com o resto do mundo — o que é ainda agravado pela incapacidade chocante de avaliar o que está de fato em jogo na questão da Palestina. De um lado e outro, portanto, a crise do 11 de setembro continua exigindo um amadurecimento de visão, que faça de uma tragédia real uma preocupação de toda a Humanidade, e não só um núcleo de ressentimentos pró ou antiamericanos.

## Jornal do Brasil Apocalipse Revisitado

Um ano depois, o ataque terrorista a dois símbolos do mundo ocidental - o World Trade Center (economia) e Pentágono (defesa), em Nova York e Washington - ainda reverbera como lance de ressentimento e cujas causas não se esgotaram.

A escala do atentado lançou uma cunha na História moderna. O terrorismo embaralhou antigos critérios de ataque e defesa, fechou definitivamente o capítulo da Guerra Fria e transformou o mundo num vasto campo de batalha, onde os inimigos podem estar em qualquer lugar. A catástrofe, ou o apocalipse local, pode cair do céu a qualquer momento, como, em meado do século 20, caiu de surpresa sobre Pearl Harbour e Hiroshima.

A primeira, e talvez a mais importante, lição a tirar do episódio é que o jogo político mudou. O choque das civilizações bateu intempestivamente à porta dos países ocidentais. O terrorismo, com seus peões que oferecem a vida em sacrifício por um lugar no paraíso, é sem dúvida matéria-prima abundante nos tempos atuais. E, nos tempos atuais, o terrorismo, em suas várias manifestações, identifica-se com determinados países muçulmanos de onde escorre financiamento para ações em várias partes do mundo.

Com o pano de fundo do ressentimento explícito de nações defasadas na corrida pelo progresso, ficou evidente, no entanto, a fragilização das grandes metrópoles ocidentais, com seus enormes arranha-céus se oferecendo como alvos a ataques suicidas. No ataque às torres gêmeas, com seu cortejo fúnebre de quase 3 mil mortos, viu-se que nem tudo era tão surpreendente assim. O filósofo e arquiteto francês Paul Virilio já em 1993, quando o World Trade Center sofreu o primeiro atentado (cinco mortes provocadas pela explosão de uma caminhonete), falou da fragilidade deste tipo de arranha-céus - verdadeiros monumentos que não levam em conta a insensatez de um urbanismo que multiplica torres gigantescas, aumentando assim a vulnerabilidade.

Além disso, o Ocidente não pode continuar negando que a enorme defasagem de progresso entre os povos, com sua carga de sofrimento e desespero, facilita o papel insidioso e criminal dos propagandistas do ódio. Não se perca de vista, no entanto, que os países democráticos, EUA à frente, apesar de abusos e injustiças, representam igualmente um modelo de sociedade baseado em liberdades individuais, respeito aos direitos da pessoa e existência de instituições políticas representativas.

Por isso é duplamente lamentável que os dirigentes ocidentais se mostrem neste ponto incapazes de resolver problemas postos pelos fluxos migratórios, pela fome dos países pobres ou pelos regimes opressores que desprezam a vida humana.

Anuncia-se nos últimos tempos, e com razão, que a Terceira Guerra Mundial poderia eclodir entre duas civilizações até agora divergentes: a muçulmana e a ocidental. Alguns líderes religiosos extremados proclamam a necessidade de guerra santa que passe a limpo 10 séculos de frustrações bélicas, desde que os muçulmanos ganharam sua última guerra contra o Ocidente, na Terceira Cruzada. As guerras do Golfo e do Afeganistão, travadas entre o Iraque e os talibás contra o resto do mundo, tiveram característica de revanche histórica que não passou de derrotas acachapantes.

No atual vazio político, de perda de legitimidade de alguns Estados, de desordem crescente e de fragmentação militar, estalam as guerras globalizantes num mundo que ficou pequeno, porque o que ocorre num lugar tem repercussão instantânea em outros pontos da Terra. A televisão consolida a globalização e configura a atitude da opinião pública dos países ocidentais. O que acontece num país repercute logo nos outros, e os influencia decisivamente.

Muita gente no Ocidente é capaz de dissociar a imagem dos terroristas, em especial os da Al Qaeda, do islamismo, que é uma religião de paz. A luta contra o terrorismo não é simples. Tampouco a arrogância de certos líderes religiosos é igualmente simples. A política de provocações do lado de lá incentiva a política de retaliação do lado de cá. O ataque às torres gêmeas redundou na eliminação do regime talibã no Afeganistão.

Diante dos excessos do terrorismo e eventuais excessos no combate a ele, o importante neste momento é encontrar o meio-termo que encerre com dignidade o episódio iniciado com a destruição das torres gêmeas. O ato insensato de 11 de setembro dirigiu os refletores da opinião pública para questões palpitantes do mundo muçulmano, como Iraque, Cachemira, Palestina, Chechênia etc.

O Conselho de Segurança da ONU logo depois do atentado aprovou histórica resolução que obriga seus 189 países a lutar contra o terrorismo, congelando os meios de financiamento e negando-lhe apoio político. Só assim se fecha o cerco.

O terrorismo é um intento de persuasão pela força, mecanismo psicológico vazio de conteúdo do ponto de vista racional que os antigos latinos descreveram como a quimera do argumentum baculinum (argumentação à base de porrete). Quando consegue instilar medo nos corações, pode se contentar com ataques ocasionais, aqui e ali. O medo se propaga como bactéria carnívora. É isso que não pode prevalecer.